

# Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 19 • nº 312 • vol. 19 • 2021



## O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio

Paulo Abe



**UNISINOS**

Cadernos  
**IHU** *ideias*

**O Desespero Inconsciente de Kierkegaard:  
melancolia, preguiça, vertigem e suicídio**

Paulo Abe

Mestre e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 19 • nº 312 • vol. 19 • 2021



## **RESUMO**

O artigo procura analisar o desespero inconsciente na filosofia de Kierkegaard. Quatro focos temáticos são escolhidos para justificar por que, para o filósofo, esta forma de desespero é a mais comum e também a mais perigosa. Para tanto, nos debruçamos sobre o que Kierkegaard toma por desespero sob o viés do inconsciente e, então, os conceitos interconectados para a realização de nossa investigação: 1) melancolia, que é o humor do desespero; 2) preguiça, a falta de vontade que também mantém o indivíduo fora do caminho para si mesmo; 3) vertigem, a paralisia advinda do contato entre o exterior e o interior; 4) suicídio, a tendência autodestrutiva em todo ser humano que se intensifica a cada estágio da vida.

**Palavras-chave:** melancolia, vertigem, suicídio, preguiça, desespero.

## **Abstract**

On this paper, we seek to analyze the unconscious despair on Kierkegaard's philosophy. Four main themes are chosen to justify why, to the philosopher, this form of despair is the most common and also the most dangerous. Therefore, we lean on what Kierkegaard takes as the despair under the lens of the unconsciousness and, after, we take on the interconnected concepts for the achievement of our inquiry: 1) melancholy, which is the humor of despair; 2) laziness, the lack of will which holds the individual out of the way to himself; 3) vertigo, the paralysis coming from the contact between exteriority and inwardness; 4) suicide, the auto-destructive inclination in every human being that intensifies on every stages of life.

**Keywords:** melancholy, vertigo, suicide, laziness, despair.

**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

**Instituto Humanitas Unisinos**

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Nestor Pilz

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

**Cadernos IHU ideias**

Ano XIX – Nº 312 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Fragmento da obra "Idílio atômico e urânico melancólico" (1945), de Salvador Dalí, exposto no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.  
Quinzenal (durante o ano letivo).  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).  
ISSN 1679-0316  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.  
CDU 316  
1  
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

## O DESESPERO INCONSCIENTE DE KIERKEGAARD: MELANCOLIA, PREGUIÇA, VERTIGEM E SUICÍDIO

***Paulo Ricardo Gomides Abe***

Mestre e Bacharel em Filosofia pela  
Universidade de São Paulo - USP

### **Introdução**

Neste artigo, procuramos analisar o que está envolvido no desespero inconsciente de Kierkegaard. Em sua filosofia, quanto mais consciência o indivíduo tem de Deus e de si mesmo, mais intenso é seu desespero. No entanto, ele também alerta seu leitor de que o mais perigoso desespero é aquele que nunca é percebido, isto é, o inconsciente. Assim, analisaremos respectivamente neste percurso: 1) O desespero inconsciente de um eu; 2) Suicídio; 3) A melancolia e a preguiça; 4) Vertigem e o tédio. De maneira que mostraremos como essa afirmação tem seu sentido, quando todos estes conceitos estão relacionados.

### **O desespero inconsciente de um eu, um eu eterno**

O desespero inconsciente é discutido profundamente por Kierkegaard em *A doença para a morte* (Em dinamarquês: *Sygdommen til Døden*), sob o pseudônimo Anti-Climacus. Neste livro, discutirá o desespero sob muitos aspectos, um deles é a consciência. Aqui, abordaremos o caráter inconsciente deste desespero. No entanto, também utilizando de *Ou-Ou* (Em dinamarquês: *Enten-Eller*), a fim de ter uma visão menos abstrata

desse desespero, e mais “empírica”. Este estado de desespero tem mais força nas sensações que na intelectualidade. Quem aí perece está preso à sensualidade e tem uma alma inteiramente corporal, não vê que à luz da verdade é infeliz, acabando por viver na ilusão de uma felicidade; vive em erro. Mas, para ele, tanto melhor estar em erro, contanto que seja feliz a seu modo, que seus sentidos lhe agradem. Assim, ocupado desta maneira, não faz a menor ideia do que seja ser si-mesmo, pois não tem ousadia ou, ainda, paciência para tal. Para Kierkegaard, este é um modo de vida estético.

Esse ponto de vista é mostrado nas duas perspectivas em Ou-Ou, em que o esteta A e o ético Juiz William<sup>1</sup> discorrem sobre o modo de vida estético. Na segunda parte, o Juiz aconselha o esteta A a escolher o desespero, pois assim ele escolherá a si mesmo, ainda que toda forma de visão de vida de um esteta seja precisamente o desespero (HANNAY In: HANNAY; MARINO, 1998, pp. 333-4) – assim como o ético. Contudo, para escolher o desespero seria necessário escolher e é disso que o esteta é incapaz.

Para Kierkegaard, o homem que ignora ter um eu tem por destino a espiritualidade, mas, mesmo carregando essa possibilidade, prefere as categorias do sensual. É como se ele possuísse uma mansão<sup>2</sup>, mas preferisse viver no porão. E, segundo Anti-Climacus, aí do homem ainda que lhe propõe os outros andares. Afinal, para o esteta, todos são seus, mas apenas ao porão direciona seu amor, pois este erro em que mantém sua vida pode lhe proporcionar sua felicidade, não a verdadeira, mas, uma vez não a conhecendo e esta que possui lhe agradando, se agarra com todos os dedos, mostrando unhas e dentes àquele que lhe mostrar a sua contradição de viver nos mais baixos níveis de sua existência como se fosse obra de uma escolha.

Contudo, por maior que seja o esforço em ignorar seu estado, o indivíduo ainda se encontra em desespero. E a ignorância só faz soar ao mesmo tempo o próprio erro. Para tanto, adverte Anti-Climacus, por mais que ignore e enterre, no fundo, o desespero está presente “e quando se suspende o encantamento das ilusões dos sentidos, desde que a existência vacila, o desespero que espiava, surge” (KIERKEGAARD, 1974, 359).

Num certo sentido, no desespero consciente de si, se está mais distante da salvação por este ser mais intenso. Todavia, um desespero que se ignora se passa despercebido. Deste modo, está longe de transformar-se em não-desespero, podendo ser este o maior de todos os riscos. Em outros termos, uma doença nunca diagnosticada nunca será remediada.

---

1 Respectivamente, estes são os pseudônimos na parte I e II de Enten-Eller.

2 O que Anti-Climacus compara ao sistema universal hegeliano.

De forma que o indivíduo ignorante de sua condição perpassa sua vida como um sonâmbulo.

Na ignorância, o desesperado está de certo modo garantido, mas para seu mal, contra a consciência, isto é, está sem apelo, nas garras do desespero (...) É nesta ignorância que o homem tem menor consciência de ser espírito. Mas, precisamente, esta inconsciência é o desespero, quer seja uma extinção de todo o espírito, uma simples vida vegetativa, ou então uma vida múltipla, cuja base, contudo, continua a ser o desespero. (KIERKEGAARD, 1974, 359-60)

Como a tuberculose, Anti-Climacus afirma, esse desespero inconsciente é uma doença em que se aparenta estar tudo bem, todavia a morte pode espreitar sem qualquer aviso. Ele pode ter sua presença imperceptível por toda a vida humana. Talvez até em sociedades inteiras. Sem sintomas, sua única expressão poderia ser apenas essa felicidade ilusória, inconfundível para os outros da real.

O esteta não percebe que justamente sua ignorância de algo eterno dentro de si que lhe impede o desenvolvimento de seu eu<sup>3</sup>, que justamente sua impaciência com este não cumpre a demanda de sua individualidade (HANNAY In: HANNAY; MARINO, 1998, p. 335). No fundo, tem apenas si mesmo, ou ainda, o homem como medida das coisas e, mesmo projetando sua vida na exterioridade das coisas limitadas que lhe dão prazer, não pode aprofundar-se em si, se perdendo neste fora-de-si, que em erro chama si-próprio. Para Alastair Hannay em seu artigo Kierkegaard and the variety of despair: “O controle que o esteta procura preservar é apenas para preservar uma interação entre o mundo e a natureza humana que maximiza a alegria e o evitar da dor” (HANNAY In: HANNAY; MARINO, 1998, p. 336). No entanto, justo em tal empresa de fugir da dor é que o esteta evita a si mesmo de uma maneira fadada a falhar.

(...) Com obstáculos a se tornarem mais frequentes, e se tornando cada vez mais evidente que o projeto estético não é sustentável, o esteta irá se desesperar no hegeliano sentido de se achar sem saída. (...)

Ainda, basear a vida deste alguém explicitamente em um ideal ou princípio, um que possa claramente decretar sem ainda tendo feito explícito, é supor que fazê-lo com sucesso é trazer o inerente valor daquela vida. Mas se basear a vida deste em um princípio estético provar ser não mais do que uma tentativa de fazer objetivos finitos “eternamente” satisfatórios quando a reflexão mostrar que eles não

---

3 De alguma forma, Kierkegaard cria um efeito análogo ao Dunning-Kruger em que a ignorância impede o indivíduo de ver que é ignorante e, assim, acredita no contrário, isto é, que saiba muito, quando carece da ferramenta para enxergar a verdade sobre si.

podem ter nenhuma relação com a eterna questão do valor-em-si-mesmo da vida deste como um todo, a clareza sobre essa deficiência deve levar à admissão de que a vida estética é em um sentido crucial uma vida vazia. Ademais, em respeito do projeto de fazer para fora o valor inerente da vida dele, a persistente dedicação para um princípio estético deve ser reconhecível pelo que é – uma falha em encarar o desafio de entender o valor inerente da vida de si mesmo. (HANNAY In: HANNAY; MARINO, 1998, p. 337)

O esteta mantém seu sofrimento a distância, mas o prazer, próximo. Assim, ao não encarar a dor e o desespero, também ignora o eterno que tem dentro de si. Enquanto o fizer, se encontra sem saída para a individualidade e o espírito. No entanto, o Juiz William diz: uma vez que “uma pessoa saiba isso, (...) então uma forma maior de existência é um requerimento inescapável” (KIERKEGAARD apud HANNAY In: HANNAY; MARINO, 1998, p. 338). Desta maneira, a vida estética pode ser apenas um relutar constante contra uma individualidade maior, justamente, claro, por também se encontrar também frente um desespero maior, ainda que a fórmula do desespero de “querer se livrar de si próprio” o impulsione contra tal expectativa do espírito. No fundo, a individualidade é um projeto que só pode ser cumprido se há uma meta que tem por medida o eterno dentro de um indivíduo. Uma vez tendo apenas si próprio, isto é, o homem como medida, tal telos está condenado a constantemente falhar.

Em suma, à deriva e como que adormecido o desesperado aqui está à mercê de sua própria ilusão de vida, numa espécie de vida vegetativa, que mal pode ser chamada tal. Luta contra uma correnteza com a mesma força que ela lhe aplica, estacionando-se imóvel no mesmo lugar. Se esforça apenas o bastante para manter sua vida imutável, “deixando a inércia do cotidiano incontestada” (WESTPHAL In: CAPPELØRN; DEUSER, 1997, p. 55).

Todo aquele que não se conhece como espírito, que ignora o destino que Deus lhe reservou e não eleva sua consciência de seu eu e de Deus, se funda numa nebulosa abstração (Estado, Nação)<sup>4</sup>, se reduzindo (KIERKEGAARD, 1974, p. 360). Assim, para Anti-Climacus, o indivíduo neste estado:

---

4 Aqui é importante notar que estamos falando do estético, porém Anti-Climacus nos oferece uma abstração que só pode ser concebida pela reflexão do indivíduo ético. De maneira que desta afirmação seja possível afirmar ou que 1) haja um ético que seja inconsciente – de certa eternidade do eu; ou que 2) ao ser consciente de certa eternidade do eu, também está inconsciente de outra parte, podendo, assim, estar também nesta esfera do desespero inconsciente, onde se entregaria a uma abstração, como Estado e Nação, além da própria massa envolvida neles.

(...) não vê nas suas faculdades mais do que energias de origem pouco explícita, e aceita o seu eu como um enigma rebelde a qualquer introspecção – toda existência deste gênero, realize o que realizar de extraordinário, explique o que explicar, até o próprio universo, por muito interessante que, como esteta, goze a vida: mesmo assim, ela será desespero. (KIERKEGAARD, 1974, p. 360)

Este era o pensamento dos Padres da Igreja, segundo Anti-Climacus. De modo que o fundo do pagão era sempre desespero, pois este não se reconhecia perante Deus como espírito. O pagão não havia se separado da imanência, uma vez que seus deuses estavam na natureza, não podendo, assim, ter uma relação-com-Deus e também um eu, pois não tinham outra concepção de identidade que aquela que tinha horizontalmente com outros indivíduos (HANNAY In: CAPPELØRN; DEUSER, 1997, p. 28). De uma mesma maneira advinha daí a peculiar imprudência do pagão em julgar e até em louvar o suicídio: “Pecado do espírito por excelência, evasão da vida, revolta contra Deus” (HANNAY In: CAPPELØRN; DEUSER, 1997, p. 28).

## Suicídio

O indivíduo pode de muitas formas se distanciar de Deus, basta apenas destruir o próprio eu física ou metafisicamente falando. Mas destruir este eu, significa destruir a relação que se tem com Deus, que garante o espírito. Acabar com isso é pôr fim à fé, não obtê-la. Mas, antes mesmo deste processo, pode-se destruir também a possibilidade do salto. Para isso, é preciso apenas se escandalizar em Cristo e não se arrepender dos pecados, pois, desta maneira, o indivíduo pode desesperar do pecado, negar o cristianismo, voltar ao seu encadeamento interior para o mal e, nele, permanecer. Assim, ao indivíduo ridicularizar o cristianismo, o considerar fábula, este se distancia infinitamente de Deus, se torna praticamente a-espiritual.

Desta forma, o indivíduo consegue se distanciar o máximo de Deus, até atacando-o. Mas o que acontece nesta vida ainda é a destruição do espírito dela. Nesta revolta contra Deus, o pecado do espírito por excelência, o indivíduo pode também estar inconsciente de seu próprio suicídio ou do que ele signifique espiritualmente.

A destruição da vida é a negação de qualquer passo; a destruição da possibilidade de se aproximar ou de se distanciar de Deus e de si próprio; a destruição da necessidade da vida, a relação com Deus, a fé. Desta maneira, falta a este pagão a compreensão do eu tal como define o espírito. Nas palavras de Anti-Climacus, “Sem relação com Deus e sem eu,

falta-lhes um fundamento para julgar o suicídio, coisa indiferente sob o seu ponto de vista, não devendo cada um contar a ninguém da liberdade dos seus atos” (KIERKEGAARD, 1974, p. 361). Mas a vida do ser humano tem na alma a herança Dele, sua imortalidade, que assegura que o homem deve se tornar espírito. Desta forma, o indivíduo dá a Deus o que é de Deus (Mc 12,17) – quando raramente o faz –, fato que o pagão, por não estar perante Deus, não o reconhece e, portanto, não se eleva.

O pagão, não tendo conhecimento de Deus ou de seu desespero, tem uma opinião absurda pelo suicídio, pois do contrário veria que o suicídio é uma fuga covarde da vida, um crime contra Deus. Mas esta indiferença mesma é uma amostra de seu desespero – inconsciente. Suicidar-se trata-se de negar a tentativa de ter fé – uma vez que o paradoxo de Cristo, Deus-homem, é um escândalo para si –, de superar o seu desespero e de se conhecer a si mesmo. O suicida prefere destruir-se a ter que suportar o suplício, tendo então encontrado a morte ainda no anonimato.

Entretanto, colocando a discussão na categoria da consciência do desespero, Anti-Climacus diz:

Quando alguém se mata com a consciência de que matar-se é um ato de desespero, e portanto com uma visão exata sobre o que seja o suicídio, é mais desesperado do que matando-se sem saber ao certo que isso significa desespero; pelo contrário, o matar-se tendo uma falsa ideia do suicídio, representa um desespero menos intenso. Por outro lado, quanto mais lucidamente nos conhecemos (consciência do eu) ao suicidar-nos, mais intenso é o nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicide num estado de alma indeciso e obscuro (KIERKEGAARD, 1974, p. 362).

Desta forma, é possível afirmar que mesmo com o conhecimento do que seja o desespero – isto é, consciência – e de que isso não lhe seja algo bom, o pecado por excelência pode ainda ser exercido através da vontade e, assim, o indivíduo não lhe tira a própria vida por uma indiferença ou ainda por apenas algum desejo de fuga, mas, sim, carregando em sua bagagem a vontade ativa e consciente de tirar sua própria vida e rebelar-se contra Deus, uma vez consciente de certa eternidade em si. Isto é, o suicídio neste caso, quando o desespero se eleva e assim também a consciência de seu estado, não é mera consequência de algum motivo, “não quero mais sofrer” ou “não consigo ter fé”. Todavia, indo mais adiante, pode ser uma vontade acima das outras, uma vez que há dois tipos de pagãos, segundo Anti-Climacus. O pagão antigo, como dito acima, não tem consciência de Deus, o que já não acontece com os pagãos moder-

nos<sup>5</sup>: “Se o paganismo não conhece o espírito, está contudo orientado para ele, ao passo que os nossos (...) carecem dele por afastamento ou traição, e isso que é o verdadeiro nada do espírito” (KIERKEGAARD, 1974, p. 361).

Há alguma consciência moderna geral do que seja o cristianismo, parece ser o que Anti-Climacus quer dizer. De modo que qualquer ação contra o espírito, ainda que seja a própria imobilidade, é um distanciamento de si mesmo e de Deus. Talvez não se possa falar de uma indiferença moderna, pois, na errônea concepção de sua época, para ser cristão basta nascer. De alguma forma, há uma noção geral no indivíduo de onde está inserido e, mesmo assim, não existe uma ação em sua direção<sup>6</sup>. Neste modo de ver sua relação natal com Deus no “nascer cristão”, não há transformação interior, ninguém se torna si mesmo. O indivíduo que aceita isso implica-se uma paralisia: contínua na Queda, sem nunca ter existido. Mesmo no pagão moderno, vemos apenas uma vaga consciência, quase acidental, do que seja o cristianismo.

Desta maneira, Anti-Climacus redefine o suicídio como a desistência de seu próprio eu. Sobretudo porque se desiste do trajeto para esse objetivo, isto é, o paradoxo, o absurdo e Deus. Como afirma Marius Timmann Mjaaland em seu artigo *Suicide and Despair*, o indivíduo que se suicida está se matando no sentido espiritual ao não aceitar uma autoridade maior que si mesmo, uma vez seu grande orgulho<sup>7</sup>. Assim, negligenciando todas as suas relações: com os outros; com Deus; consigo mesmo (MJAALAND In: STOKES; BUBEN, 2011, p. 84).

Para Kierkegaard, o desespero é profundamente suicida. Uma vez que “em todo momento ele [o indivíduo] está em desespero, ele está trazendo o desespero sobre si” (KIERKEGAARD apud MJAALAND In: STOKES; BUBEN, 2011, p. 84) e o desespero não é outra coisa que a morte espiritual. Então, a equação do suicídio se completa. Desejar manter-se no desespero é se matar, espiritualmente falando. No entanto, o desespero é uma contradição, o que se poderia também chamar de aporia, pois há um esforço em livrar de si mesmo ao mesmo tempo em que não é possível fazê-lo – espiritualmente. De modo que, ainda que com sua forma consciente, há um contínuo sofrimento por esta falha, esta contradição por querer destruir o indestrutível, a alma.

---

5 Leia-se aqui os cristãos da época de Kierkegaard que não julgavam ser cristão como uma tarefa, mas algo natal.

6 Afirmamos porque esta é a forma mais comum de desespero. Assim, a inconsciência é a regra.

7 O termo usado por Mjaaland é “hubris”, o orgulho demasiado – contra os deuses gregos.

Para Anti-Climacus, há uma universalidade do desespero, isto é, “uma mesma tendência autodestrutiva em todas as pessoas” (MJAALAND In: STOKES; BUBEN, 2011, p. 85). Assim, o que se observa é que, como o indivíduo nasce sob a Queda, ou seja, sem a relação com Deus, o fruto desta desfragmentação é uma vontade – consciente ou não – por autodestruição. Em outras palavras, a Queda ou a sua constante continuidade na vida talvez seja a causa da indiferença, como se a “nova realidade” desta ausência da relação divina só pudesse fazer brotar na interioridade do indivíduo um sentimento de melancolia e culpa. Por outro lado, o Estado e a Igreja mantêm este estado melancólico em que o objeto – Deus –, uma vez perdido, é ainda tragado fantasmagoricamente numa violência contra si mesmo: o suicídio espiritual.

Descobrir tal tendência desesperadamente autodestrutiva é se ver como sempre a dançar numa névoa que escondia um abismo que só agora enxerga e sente sua presença vazia. De maneira que, parafraseando Nietzsche, o abismo também olha para dentro do indivíduo e, então, o desespero se intensifica. O suicídio está um passo menos distante.

No entanto, Kierkegaard, em sua filosofia, opera o que chama de acústica do espírito, que consiste em quanto mais o indivíduo se distanciar de Deus ou quanto mais intenso for o seu desespero, sua vontade de autodestruir-se, mais ele estará próximo de se salvar. Eis o paradoxo do caminho do espírito. Para Kierkegaard, antes de curar uma doença, é preciso enxergá-la, saber sua origem e diagnose, mas precisamente este processo intensifica a doença. É como se fosse uma enfermidade inteligente. Quanto mais avançamos no caminho de sua cura, mais ela se apercebe dos movimentos que a põem em risco e sua resposta é o aprofundamento de seus efeitos. Em outras palavras, a doença, que já é a tendência para a autodestruição, uma vez contra a parede, procura eliminar seu hospedeiro em vez de curar-se, tal é seu desespero. De modo que talvez não em vão a forma mais comum seja o inconsciente, pois, a fim de manter sua existência intacta, se mantém secreta a qualquer ação da vontade ou da consciência, mas também por seu estado secreto ter como efeito “confundir o autoentendimento do indivíduo” (MJAALAND, 2008, p. 179).

Para tanto, Kierkegaard chama o processo de ver-por-si-próprio a si mesmo de autópsia (MJAALAND, 2008, p. 131). A palavra se refere tanto à capacidade acima descrita quanto a de investigar um cadáver. Uma vez que o indivíduo está doente para a morte, ou seja, com tendências autodestrutivas, ao olhar para si mesmo e por si mesmo, aprofunda-se em sua constante queda no abismo do desespero. Em suma, o suicida tem a oportunidade de se analisar e se conhecer, ainda que morto. E, por meio

de sua comunicação indireta em seus livros, só há um meio de tratar-se dessa doença para o indivíduo inconsciente: exposição.

Anti-Climacus, sabendo que em sua época a palavra de Deus “se tornou domesticada e impotente, esgotada e quase sem valor” (MJA-ALAND In: STOKES; BUBEN, 2011, p. 87), provoca a intensificação do leitor para seu próprio desespero e, por consequência, seu suicídio com vistas ao encontro dele com sua própria crise e superação<sup>8</sup>.

### **Má vontade, melancolia, depressão e preguiça**

Avançamos para esta parte a fim de aprofundarmos a discussão do desespero inconsciente. No entanto, é preciso fazer uma primeira parada sobre as palavras que Kierkegaard usa para se referir ao “espinho na carne”. Gordon D. Marino (In: MOONEY, 2008, p. 529) em seu artigo *Despair and Depression* afirma que há duas formas com que Kierkegaard se refere à depressão: 1) *tungsindighed*; 2) *melancholi*. Mas reitera que há desentendimentos nessa discussão. Vincent McCarthy (1978) afirma em seu livro *Phenomenology of moods* que *tungsindighed* é mais profundo que *melancholi*. Todavia, Abrahim Kahn (1985) em *Melancholy, irony and Kierkegaard* discorda, argumentando que ambos têm o mesmo sentido na filosofia de Kierkegaard.

No entanto, N. J. Cappelørn (In: MOONEY, 2008), teólogo dinamarquês, estudioso de Søren Kierkegaard e ex-diretor do Centro de Pesquisas Søren Kierkegaard na Universidade de Copenhague, aprofunda a questão da clareza do termo em seu artigo *Spleen essentially concealed – yet a little spleen retained*:

“Melancolia” é uma interpretação da palavra dinamarquesa *tungsind*, a qual corresponde ao alemão *Schwermut*. E se isso é um fato linguístico-cultural de que não há uma palavra inglesa inteiramente equivalente a *tungsind*, a “melancolia” de Hannay<sup>9</sup> é, não obstante, claramente preferível à “depressão” dos Hong<sup>10</sup>. Este último carrega conotações demais de uma doença psicológica bem definida que alguém pode em princípio tratar com drogas psicofarmacológicas. (...) isso não é em caso nenhum um caso para psiquiatria. (...) [Por outro lado] Michael Theunissen mostrou convincentemente que, na

---

8 Mjaaland também se detém em comparar as categorias feitas por Durkheim para o suicídio com as de Kierkegaard. Neste intuito, cria o seguinte paralelo: 1) Suicida egoísta: desespero da infinitude; 2) Suicida altruísta: desespero da finitude; 3) Suicida anônimo: a dialética entre desespero da necessidade e da possibilidade; 4) Suicida fatalista.

9 Alastair Hannay é o tradutor e editor das obras de Kierkegaard nas edições da Penguin Books e da Cambridge University Press.

10 Howard V. Hong e Edna H. Hong são os tradutores e editores das obras de Kierkegaard para a Princeton University Press.

Modernidade, *tungsind*/Schwermut baseia-se numa tradição que se estende até o conceito da Grécia Antiga “melancolia”, o qual é redescoberto no conceito medieval *acedia*. (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 132)

Cappelørn avança em sua análise terminológica, provando que o próprio termo ao qual remonta *tungsind* é conhecido e usado pelo próprio Kierkegaard em seu diário no dia de 20 de julho de 1839:

“O que em certo sentido é chamado ‘spleen’<sup>11</sup> e o que os místicos conhecem pela designação ‘os momentos áridos’, a Idade Média conhecia por *acedia* (*akedía*, aridade)” (...) Aqui, no entanto, Kierkegaard usa o termo “spleen”, não *tungsind*, amarrando ao conceito medieval de *acedia*. E, numa nota marginal puramente biográfica, ele conecta isso à expressão “um desespero quieto” (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 132).

Os pontos, então, se conectam aqui. Todos os termos se conectam: 1) melancolia; 2) depressão; 3) spleen; 4) *acedia*. O desespero inconsciente é, paralelamente, um “desespero quieto”. Isto é, uma aridade, pois, invisível, nada pode demonstrar àquele que o possui; está “debaixo da carne”. Não em vão é o desespero mais comum, já que não é percebido por ninguém e, como a palavra spleen também procura expressar, basta apenas uma “má disposição”, no sentido de que não é preciso de alguma forma uma vontade. O mundo interior está natimorto uma vez não tendo a escolha para ver sua doença, ver si mesmo, ver a Eternidade em si.

Esta má disposição, segundo Cappelørn, tem outros significados inter-relacionados, como “preguiça” e “apatia”. Todos estes termos até então ligados “são todas designações para uma fadiga do mundo, esteticismo, e a perda de valores que foram temas comuns para escritores românticos europeus” (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 133). Eles foram sendo reformulados e reinterpretados desde a “melancolia” grega, passando pela “*acedia*” medieval, “*tungsind*” dinamarquês até o “spleen” contemporâneo.

Assim, o *tungsind* kierkegaardiano ou spleen não deve ser compreendido como o próprio desespero inconsciente, não são a mesma coisa. Ambos existem paralelamente, com o primeiro a acentuar a esfera emocional e o segundo, a epistemológica. Por outro lado, eles agem na esfera da (in)consciência, equilibrando a condição em que o indivíduo se encontra para longe de qualquer crise. Para Gordon Marino, “depressão é um estado ou um humor, enquanto que o desespero é uma atividade que

---

11 Em português, pode significar melancolia, depressão e uma má disposição. Usaremos o termo original, mas nos conectando com todas essas possibilidades de tradução.

continua desde que o indivíduo, ainda que meio consciente, tenha vontade para que prossiga” (MARINO In: MOONEY, 2008, p. 123). Para tanto, o desesperado precisa de um ânimo que possibilite esta continuidade em seu estado secreto. Esta expressão que procura é, antes de mais nada, uma ausência, uma apatia, uma preguiça espiritual. E, ainda assim, para Anti-Climacus também “a felicidade é o maior esconderijo do desespero”<sup>12</sup> (MARINO In: MOONEY, 2008, p. 123). Nada lhe pode ser despertado, de modo que tudo o que se movimenta em seu interior – se é que propriamente algo assim pode ser dito daí – tem por objetivo manter seu estado vegetativo.

A ênfase aqui, no entanto, é colocada no estado da mente que considera tudo ser igualmente valioso, e, assim, igualmente sem valor, uma vez que a realidade é experienciada como sem sentido. Com isso em mente, eu prefiro que a palavra dinamarquesa *tungsind* seja traduzida como “spleen” (...) (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 133).

É essa mentalidade dupla – ou mesmo múltipla – que anula todo o seu mundo, cegando-o. Sem objetivo algum em vida, não possui um objeto sequer para escolher, vivendo uma vida sem autoria. Se tivesse um pouco de consciência, escolheria alguma coisa, algo em particular ou mesmo si mesmo, mas não estando acordado, vive como um sonâmbulo. Nas palavras de Cappelørn, “pode ser dito que spleen seja a expressão da falta de vontade ou uma falta de direção” (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 134).

O próprio Juiz William se refere ao esteta A como melancólico, acrescentando: “Você é como uma mulher que está dando à luz, mas está para sempre adiando o momento, permanecendo em dor” (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 134). Ou seja, à porta do espírito, o indivíduo, sob o “desespero quieto”, procura manter-se sob uma anestesia geral da consciência. De modo que talvez seja possível afirmar que o estado emocional em que se encontra e procura manter mina a esfera epistemológica, isto é, a vontade e a atividade do indivíduo. Não há escolha que não tenha por trás um humor ou um sentimento como apoio. Por isso o estádio ético – da escolha – não pode excluir sua própria face estética – do imediato. Ambos precisam andar de mãos dadas.

Esse processo reflete-se na desesperança estética, assim como no próprio desespero da possibilidade em que o indivíduo se ilude no mar de possibilidade, mas nada além de fato, pois, para conquistar algo, precisa justamente escolher. E a vontade ainda é uma semente em terra árida;

---

12 É exatamente assim que o pseudônimo esteta A procura mostrar seu próprio modo de viver.

acedia. Gordon Marino enfatiza que não dar importância ao fato de estar deprimido é a doença (MARINO In: MOONEY, 2008, p. 124), uma vez que aqui a questão é epistemológica. Ambas dançam ao mesmo ritmo, numa camuflagem dupla no interior do espírito.

O Juiz William define a melancolia como uma “histeria do espírito” (KIERKEGAARD apud CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 130). Por outro lado, Cappelørn afirma que o pseudônimo pode estar também falando de spleen “na medida em que histeria possa significar (...) uma paralisia do espírito humano” (CAPPELØRN, In: MOONEY, 2008, p. 136). No entanto, tendo em mente que o ser humano está inserido numa ordem social, não é descartável a ideia de que este humor, spleen ou má disposição seja não apenas adquirida por si mesmo, mas também por contágio (MARINO, In: MOONEY, 2008, p. 123). Ou seja, como já colocado, a própria inércia de sua vida cotidiana o leva a este estado que, segundo Merold Westphal, “resiste ao chamado de tal engajamento [viver a tensão dialeticamente simultânea de categorias opostas]. Espiritualmente falando, o eu cai em desespero porque é preguiçoso” (WESTPHAL In: PERKINS, 1987, p. 64).

Westphal sugere que, além da preguiça, o orgulho também é parte importante para esta paralisia no indivíduo. No entanto, pensamos que o pode ser apenas na medida em que este orgulho seja uma questão de grau, ou seja, que se intensifique com a reflexão e mais ainda com a consciência de sua condição. Isso, pois é claro um orgulho no esteta A, mas não é ainda uma hubris – orgulho demais. Para ele, o indivíduo terá a humildade no estádio religioso, mas para a preguiça somente a obediência no ético. Contudo, este entorpecimento em seu estado estético pode ter ainda uma outra fonte para sua falta de direção e vontade. Como na imagem dada acima sobre estar frente a um abismo, o indivíduo, neste estado melancólico de inatividade, se encontra aí, pois na fronteira entre interior e exterior, entre abismo e indivíduo, está a vertigem.

## **Vertigem**

Para Kierkegaard, o vertiginoso “é o expansivo, o infinito, o ilimitado, o indeterminado; e a própria tontura é o desenfreado caráter dos sentidos” (KIERKEGAARD apud HOBBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 191). Esse, pode-se dizer, são os sonhos febris e delirantes do esteta em seu estado de sono, paralisia e imobilidade. John M. Hoberman, em seu artigo Kierkegaard on vertigo, continua a definição:

Essa ilimitada vastidão, dentro da qual a possibilidade de orientação desaparece, lembra o “imenso abismo” de Conceito de angústia [Em

dinamarquês: Begrebet Angst], e não menos sua “ambiguidade”. A indeterminação que fundamenta a tontura, enquanto “contrária à natureza humana”, constitui não obstante uma tentação – um caos no qual o indivíduo se sente impelido a jogar-se num ato de autoimolação. (HOBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 191)

Novamente, nos vemos frente à tendência humana para a autodes-truição. A desorientação frente ao abismo é manter a caverna de Lázaro lacrada. No escuro, sem uma luz que o guie, o indivíduo se perde no excesso de imaginação, na fuga imóvel da própria realidade. Onde se encontra, o indivíduo vê muito em sua tontura e, simultaneamente, por causa dela mesma, não vê nada ou pouco.

Para Kierkegaard, a vertigem é algo da categoria do físico, pois denuncia a fronteira entre corpo e alma, na sua relação de primeira ordem, onde o espírito ainda não se dá. Para Hoberman, “o indivíduo que sofre de vertigem experiencia uma ‘ilusão nervosa’ de que uma pressão externa pressiona contra ele, mas de fato sua origem é interna” (HOBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 193). E continua a afirmar que a diferença que os separa é infinita, por isso ambas imagens do abismo e da pressão externa.

Essa infinitude não é outra coisa que imaginada. Isto é, a própria imaginação do indivíduo marca a fronteira de sua finitude, mas colocando-o também inerte frente a tal visão. À beira da infinitude, o indivíduo não compreende o quê (não) vê, se encontrando diante do nada e do vazio. Sem consciência de seu desespero, melancolia e de sua eternidade, tudo o que está além de seu estágio estético cai num vácuo desorientador. Não há ferramentas para compreender o que está diante de si. Seria preciso se elevar para tanto, mas justamente a areia movediça em que se encontra impede o indivíduo de qualquer movimento.

Hoberman argumenta que possibilidade e infinitude são os extremos onde o abismo reside (HOBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 198). De maneira que é possível ver que apenas sob a imaginação o nada mostra sua face. Aqui não há reflexão ou mediação em seu desespero e melancolia, de modo que por isso o atordoamento. No entanto, há ainda outro elemento associado à tontura que o esteta A e Vigilius Haufniensis fazem: o tédio.

(...) “no caso do tédio nós encontramos o oposto [de plenitude], uma vez ele sendo caracterizado pelo vazio; (...) o tédio depende na medida que penetra a realidade; ele causa uma tontura (Svimmelhed) como aquela produzida ao olhar um imenso (uendelig) abismo, e essa tontura é infinita (uendelig)”. (KIERKEGAARD apud HOBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 196)

E continua: “Ao fazer a vertigem sinônima de tédio, o esteta A preserva seu caráter subjetivo familiar” (HOBERMAN In: PERKINS, 1987, p. 197). Nada acontece, nada se move. A vontade ainda é um sonho do qual o esteta, mergulhado neste mundo onírico da possibilidade e da infinitude, mas sobretudo da imaginação, nada consegue discernir de sua desorientação. Assim, nada se transforma em seu interior e, tendo o que chama de “exterior” por confundi-lo, temos o tédio.

O filósofo japonês Keiji Nishitani da Escola de Quioto aprofunda a definição em seu livro *The self-overcoming of nihilism*:

Kierkegaard entende o tédio como o encontro entre o vácuo infinito do abismo resultante da retirada de Deus do centro da totalidade que conecta todos os fenômenos horizontalmente. A situação que ele descreve não é diferente do que Nietzsche quis dizer por “Deus está morto”. A existência, tendo perdido seu centro, é dissipada; a vida, que se tornou puro tédio, “distra” si mesma entre prazeres “ex-cêntricos” (isto é, periférico [fora de centro]). Essa distração da mente é, ao nível do chão, puro tédio; o que evade o vácuo é ele próprio o vácuo. Tal é a profundidade desse tipo de vazio. (NISHITANI, 1990, pp. 18-9)

De alguma forma esse humor, spleen, melancolia é um labirinto do vazio e do nada. Como um estado, deveria ser o primeiro lugar a ser transformado para a vontade brotar e alguma eternidade ser apreendida pelo indivíduo, mas o deserto desnorteante de sua vertigem e de seu tédio é árido, acedia. Nas próprias palavras do esteta A: “simplesmente porque no nada não há sequer o bastante para um eco ser possível” (KIERKEGAARD, 1987, p. 291), a reflexão não pode se dar. E ele diz também em outro momento:

Se, então, minha tese for verdadeira, uma pessoa precisa apenas ponderar sobre quão corruptor o tédio é para as pessoas, sabotando suas reflexões mais ou menos de acordo com seu desejo em diminuir seu ímpeto, e se ele quiser acelerar até o ponto mais alto, quase com perigo para a locomotiva, ele precisa apenas dizer a si mesmo: o tédio é a raiz de todo mal. É muito curioso que o tédio, o qual tem uma calma e uma natureza sedativa, possa ter tamanha capacidade para iniciar movimento. O efeito que o tédio traz é absolutamente mágico, mas esse efeito não é de atração, mas de repulsão. (KIERKEGAARD, 1987, p. 285)

O tédio prende o eu em extremo estado de potência, por isso sua capacidade para “iniciar movimento”. Em outras palavras, é a partir daí que se inicia sua existência, sua repetição. A raiz de todo mal é precisamente este processo em que não se sai de seu ponto de partida, isto é, o

instante após a Queda, a “retirada de Deus”, como Nishitani o põe. Não em vão seu efeito de “repulsão” é, por isso, em relação a si mesmo.

No entanto, para o esteta A, essa questão remonta desde a criação do mundo e não vê, analisando suas palavras, um fim para a questão do tédio e, por consequência, da melancolia e da vertigem:

Uma vez que o tédio avança e o tédio é a raiz de todo mal, não é surpresa, então, que o mundo retroceda, que o mal se espalhe. Isso pode ser rastreado para o início do mundo. Os deuses estavam entediados; então eles criaram os seres humanos. Adão estava entediado porque estava só; então Eva foi criada. Desde aquele momento, o tédio entrou no mundo e cresceu em quantidade na exata proporção do crescimento da população. Adão estava entediado sozinho; então Adão e Eva estavam entediados juntos; então Adão, Eva, Caim e Abel estavam entediadas em família. Depois disso, a população do mundo cresceu e as nações estavam entediadas em masse. Para entreter-se, eles descobriram a noção de construir uma torre tão alta que alcançaria o céu. (...) então eles se dispersaram ao redor do mundo (...) mas continuaram a ficar entediados. E essas consequências o tédio teve: a humanidade manteve-se à altura e caiu longe, primeiro com Eva, depois com a torre de Babel (KIERKEGAARD, 1987, p. 286).

## Conclusão

Apesar de o esteta estar com menos consciência em relação aos outros estádios, aqui ele nos apresenta um momento de muita lucidez. Aparentemente ele se encontra numa perspectiva única que o indivíduo ético e religioso já perpassaram e ressignificaram, talvez já deixando para trás no passado ou no próprio esquecimento. Ainda que frente ao abismo, o esteta está afundado no vácuo, afogado no vazio, aprisionado na melancolia e, desse oceano de onde parece estar acompanhado por toda a humanidade em sua completa história, compreende seu encarceramento desde os deuses e o primeiro homem que, em realidade, precede, como tédio ao menos, a própria Queda. Observamos em sua explicação como o tédio é também uma tendência no interior do indivíduo. Talvez nem Abraão se salvaria de uma análise através desta lente. Acrescentadas spleen e a vertigem, a paralisia é epidêmica, mas este tédio ao qual o esteta se refere parece ter um quê impulsional e não apenas anestesiante. Poder-se-ia dizer que este tédio promove um ciclo de tédio e interesse ou algum movimento fútil contra a forte correnteza do próprio tédio, uma vez retornando sempre ao ponto de partida. De alguma forma, apesar desses movimentos que são muito bem explorados em Enten-Eller

Parte I, gira em círculos e essa moção não promove qualquer deslocamento, dada a confusão e a tontura do esteta. Seu maior inimigo é – entre tantos – um esforço contra a preguiça, pois ela que esvazia suas energias para não querer refletir, obedecer e escolher, estagnando-se em seu estado, na nadidade de um útero sem saída.

**REFERÊNCIAS**

HANNAY, Alastair. Kierkegaard and the variety of despair. In: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon D. (org). *The Cambridge Companion to Kierkegaard*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HANNAY, Alastair. Spirit and the idea of the self as a reflexive relation In: CAPPELØRN, Niels Jørgen; DEUSER, Hermann. *Kierkegaard Studies, Yearbook 1997*. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

HOBERMAN, John M. Kierkegaard on vertigo In: Perkins, Robert L. (ed.). *International Kierkegaard Commentary: The Sickness Unto Death*. Georgia: Mercer University Press, 1987.

KAHN, Abraham. Melancholy, irony and Kierkegaard In: *International Journal for Philosophy of Religion* 17 (1985), pp. 67-85.

KIERKEGAARD, Søren. *Either/Or Part I*. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

KIERKEGAARD, Søren. *O desespero humano – Coleção: Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARINO, Gordon D. Despair and depression. In: MOONEY, Edward F. (Ed.). *Ethics, Love, and Faith in Kierkegaard*. Bloomington: Indiana University Press, 2008.

MCCARTHY, Vincent. *The phenomenology of moods*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1978.

MJAALAND, Marius Timmann. *Autopsia – Self, death, and God after Kierkegaard and Derrida*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

MJAALAND, Marius Timmann. *Suicide and despair* In: STOKES, Patrick; BUBEN, Adam J. *Kierkegaard and Death*. Indiana: Indiana University Press, 2011.

NISHITANI, Keiji. *The self-overcoming of nihilism*. Albany: State University of New York Press, 1990.

WESTPHAL, Merold. Kierkegaard's psychology and unconscious despair In: Perkins, Robert L. (ed.). *International Kierkegaard Commentary: The Sickness Unto Death*. Georgia: Mercer University Press, 1987.



**Paulo Ricardo Gomides Abe** é Bacharel e Mestre em Filosofia pela USP. Na graduação fez uma Iniciação Científica sobre o conceito de desespero em Kierkegaard pelo CNPq. No mestrado, pesquisou sobre o conceito de paradoxo em desespero em Kierkegaard também pelo CNPq, e foi convidado a uma estadia de pesquisa e seminário pela Universidade de Copenhague e Soren Kierkegaard Research Centre, financiado pelo governo dinamarquês. Atualmente, dedica-se a traduzir artigos sobre Kierkegaard e seu último livro "Ataque à cristandade".

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feministas: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling  
*Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljénitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasseman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapá-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsionarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scalo
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavirus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver*– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica*– Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular*– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* - Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* - Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martin-Baró, Ricoeur e Nietzsche* - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 *Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica* - Faustino Teixeira



**UNISINOS**